

## **Os sentidos em torno dos centros de acolhimento e de apoio aos imigrantes em São Paulo: sanção, valores e pontos de vista<sup>1</sup>**

Alexandre Marcelo BUENO<sup>2</sup>  
Aline PERROTTI<sup>3</sup>  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

### **Resumo**

A midiaticização da recente onda imigratória para o Brasil e, em especial, para São Paulo tem o mérito de revelar diferentes olhares a respeito da imigração na contemporaneidade e sobre o modo como o poder público enfrenta os problemas que surgem para recebe-los. O propósito deste trabalho é o de examinar alguns sentidos mobilizados pelas notícias sobre os centros de referência e de acolhimento criados recentemente pelo poder público estadual e municipal de São Paulo. Espera-se, assim, examinar qual o papel dos centros de acolhimento na narrativa da imigração e os modos como o poder público age para criar certas condições para acolher os imigrantes mais necessitados.

**Palavras-chave:** centros de acolhimento; imigrações contemporâneas; semiótica discursiva; sociosemiótica.

### **Introdução**

Nos últimos anos, o Brasil passou a receber um crescente número de imigrantes e de refugiados advindos de diversos países. Desde os imigrantes bolivianos (atualmente, o maior grupo imigrante da capital paulista) até imigrantes vindos da África (como nigerianos, malineses, ganenses, camaroneses, angolanos entre outros), passando pelo grande número de haitianos que continuam a vir para o país, o Brasil passou a ser crescente foco de interesse dos estrangeiros que desejam entrar e se estabelecer no país, sobretudo por causa do crescimento econômico dos últimos dez anos, o que gerou a imagem de um país com oportunidades de emprego.

Esse fenômeno, pela quantidade de pessoas envolvidas, fez com que o poder público nacional se defrontasse com alguns problemas inesperados, especialmente em relação ao modo como receber os imigrantes mais necessitados. Assim, os problemas que surgiram, por exemplo, pela vinda em massa de imigrantes haitianos, que podem solicitar o visto humanitário quando chegam ao país, colocaram em xeque a capacidade de mobilização do poder público. No

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre e Doutor em Semiótica e Linguística Geral pela FFLCH-USP. Pós-doutorado do programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, email: alexandrembueno@gmail.com (Proc. FAPESP no. 13/15752-8).

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, email: aline.perrotti@hotmail.com

estado do Acre, principal porta de entrada dos haitianos, o governo encontrou uma série de dificuldades para conseguir criar as condições mínimas para receber a grande quantidade de haitianos que começaram a chegar a cidade de Brasília. Uma solução encontrada foi, então, encaminhar parte desses imigrantes para São Paulo por meio de ônibus fretados, o que gerou uma grande polêmica entre o governo acreano, o governo paulista e a administração paulistana, envolvendo também o governo federal (BILENKY, 2015).

Com o fluxo constante de imigrantes para São Paulo, os poucos albergues mantidos por organizações religiosas não conseguiam acompanhar a crescente demanda gerada por esses imigrantes. Finalmente, em 2014, o poder público de São Paulo inaugurou centros de acolhimento e referência para os novos imigrantes que chegavam à cidade. De um modo geral, esses centros oferecem acomodações para o imigrante passar a noite, alimentação e banho. Além disso, esses espaços oferecem orientação para regularizar sua situação (como o pedido do Registro Nacional do Estrangeiro) e auxílio para encontrar trabalho (em São Paulo ou em outros estados brasileiros).

O surgimento desses centros surge como uma novidade em relação às políticas imigratórias recentes do Brasil. No passado havia espaços semelhantes aos recém-criados, como as hospedarias da Ilha das Flores, no Rio de Janeiro, e a Hospedaria dos Imigrantes, atualmente Museu da Imigração, no bairro do Bresser em São Paulo. Contudo, esses espaços haviam sido desativados junto com o final das grandes imigrações do século XX. Assim, a criação de novos espaços de acolhimento aos imigrantes nos dias atuais aparece como uma resposta à demanda criada pela presença desse contingente de estrangeiros.

Ao longo da história do Brasil, muitas características da imigração foram mudadas. Se antes havia uma imigração organizada por meio de acordos entre Estados Nacionais, atualmente vemos o trabalho dos chamados *coiotes* que extorquem os imigrantes para que eles possam entrar no país (não apenas no caso dos haitianos, mas também de outros grupos, como em um passado recente os bolivianos) (DIÓGENES; MONTEIRO, 2015), o que diminui ainda mais a capacidade financeira do imigrante para encontrar um local apropriado no qual ele possa se instalar e recomeçar a sua vida.

Ao criar os centros de acolhimento, a cidade de São Paulo retoma uma de suas linhas mestras, responsável por parte da grandeza (para o bem e para o mal) que a constitui: a diversidade de povos e culturas que, historicamente, nem sempre foram bem recebidos pela sociedade paulistana, percepção compartilhada pelo atual prefeito:

Na inauguração, o prefeito Fernando Haddad (PT) disse que a cidade foi “forjada por imigrantes” e a sua “força vem da diversidade cultural”. “São Paulo tem muito a oferecer aos imigrantes, porque os imigrantes sempre ofereceram muito a São Paulo”, disse (DEUTSCHE, 2014).

A criação de centros de acolhimento oferece um apoio inicial ao imigrante que chega ao país com poucos recursos e sem nenhum outro contato local. Deve-se lembrar também que muitos dos imigrantes atendidos nesses locais saíram de seus respectivos países com vistos humanitários (como no caso dos haitianos) ou se declararam refugiados, ou seja, fugiram de seus países em decorrência de perseguições políticas, religiosas, étnicas etc.

O propósito deste trabalho é o de refletir a respeito dos sentidos mobilizados pela criação dos centros de acolhimento e de referência pelo Estado de São Paulo e pela prefeitura paulistana. Para se tentar compreender o alcance desse objeto no contexto da imigração contemporânea no Brasil, entendida como uma narrativa, passaremos inicialmente a uma definição semiótica do conceito de acolhimento (de um modo geral e na especificidade que caracteriza nosso objeto de estudo). O escopo teórico que norteia nossa análise é a semiótica discursiva, desenvolvida por Algirdas Julien Greimas, e a sociosemiótica de Eric Landowski.

Para se entender, então, o centro de acolhimento e suas repercussões na imigração, foi feita uma seleção de reportagens cujos temas são os centros de acolhimento, sejam os inaugurados pelo poder público, sejam os mantidos por organizações religiosas. Verificar-se-á, assim, como os meios de comunicação constroem a representação desses centros, assim como revelam olhares sobre a própria imigração contemporânea. Além disso, pensaremos também em como as distintas instâncias do poder público revelam seus valores em relação à imigração e aos centros criados, suas funções e seus propósitos.

### **O centro de acolhimento em uma perspectiva semiótica**

Para melhor compreendermos a função dos centros de acolhimento para imigrantes, iniciaremos nossa análise por meio de um procedimento bastante comum na semiótica: o uso de verbetes de dicionário. Como todo discurso, o dicionário é um repositório mais ou menos estável dos valores que estão por trás dos sentidos cristalizados em uma dada sociedade que os põem em circulação. Em nosso trabalho, recorreremos ao verbo “acolher”, do qual o léxico “acolhimento” é, de certa forma, seu derivado (HOUAISS, 2009):

acolher *Datação: sXIII*  
verbo  
transitivo direto e pronominal

- 1 oferecer ou obter refúgio, proteção ou conforto físico; abrigar(-se), amparar(-se)  
Exs.: *acolhia todos os desvalidos que o procuravam*  
*a.-se debaixo de uma árvore*  
transitivo direto e pronominal
- 2 dar ou receber hospitalidade; hospedar(-se), alojar(-se)  
Exs.: *acolhemos o rapaz até que sua saúde se restabelecesse*  
*durante a reforma da casa, acolheu-se em nosso apartamento*  
transitivo direto
- 3 prestar cerimônia a; recepcionar  
Ex.: *louvores e honrarias acolhiam o herói aonde quer que fosse*  
transitivo direto
- 4 receber, admitir (algo); aceitar  
Ex.: *esta comunidade não acolhe novos costumes*  
transitivo direto
- 5 dar crédito a, levar em consideração (pedido, requisição etc.); atender  
Ex.: *o juiz acolheu a petição de penhora*

Os elementos que mais se destacam nas definições do verbo ‘acolher’ são os ligados ao aspecto de hospitalidade, de receber, admitir e aceitar. Dessa forma, para se receber outrem, ou seja, oferecer hospitalidade, deve-se antes aceita-lo e admiti-lo. Essa relação direta, que na definição acima não fica explicitada, pode nos ajudar a pensar em como se configura discursivamente a operação de acolhimento em relação ao imigrante (e a outras formas de alteridade). Pensamos, assim, que o acolhimento de alguém ou de algum grupo pressupõe a sua aceitação para que, em seguida, haja a hospitalidade a essa alteridade e a sua proteção . O sujeito-imigrante, ao deixar seu país e partir em busca de novas oportunidades em um outro, muda também de programa narrativo. Ele deixa aquele no qual vivia em sua cidade, com seus parentes e amigos para iniciar um novo programa narrativo, muitas vezes com valores diferentes daqueles que conhecia e vivenciava. Ao entrar em outro país, o sujeito-imigrante não tem mais o papel temático de nativo, um igual, e passa a ser identificado como um estrangeiro, alguém de fora, o Outro. Esse Outro tem diferentes estratégias para se relacionar com o Mesmo, com a identidade da sociedade receptora: ele pode tentar se sentir assimilado ou agregado, manter-se segregado ou completamente excluído em diferentes níveis (LANDOWSKI, 1997, pp. 37-43).

Essas estratégias devem ser pensadas nos diferentes sentidos atrelados à figura do imigrante. Assim, ele pode desejar adquirir novos sentidos em sua vida de imigrante, manter os sentidos de sua origem (como língua, religião entre outros traços), renega-los ou circular nos dois universos de sentido, o da sociedade receptora e o de seu país de origem.

Na narrativa da imigração, há imigrantes que chegam com algum recurso financeiro, com parentes ou conhecidos já presentes no novo país, mas há também aqueles que entram no país

sem qualquer condição. Para esses casos, os centros de acolhida funcionam como adjuvantes, pois instruem os imigrantes em relação aos seus direitos e deveres, são espaços que permitem o ensino inicial da língua portuguesa e de aspectos da cultura brasileira, além de darem apoio psicológico àqueles que procuram e um abrigo àqueles que necessitam.

No entanto, para que possamos observar essa transformação, é necessário considerar que o sujeito que procura o centro de acolhida não é, necessariamente, um sujeito desqualificado ou inabilitado ao trabalho em outro país. Muitos imigrantes possuem formação em cursos técnicos ou formação profissional, e os que não tem essas qualificações estão dispostos a dedicarem-se a obtê-las (DEUTSCHE, 2014). Contudo, independente da formação ou experiência profissional que o imigrante possa ter, ele ainda não está completamente capacitado, ou seja, ainda não tem a competência modal necessária para realizar o seu fazer de base (o trabalho), pois não está com sua situação jurídica regularizada no novo país. Nesse sentido, o centro de acolhida, como um espaço criado pelo destinador-poder público, deve operar com seus adjuvantes – no atendimento geral, jurídico e psicológico – fornecendo estrutura e suporte para potencializar esses sujeitos, sobretudo em sua modalidade do poder-ser um sujeito juridicamente regularizado no país.

Assim, os adjuvantes operam as modalizações do ser nos sujeitos-imigrantes, instruindo-os nos costumes e na cultura do Brasil, transmitindo também um saber-ser. No apoio jurídico, orientam a respeito dos trâmites burocráticos para se obter o Registro Nacional do Estrangeiro (RNE), assim como para se conseguir a carteira de trabalho, designando assim um poder-ser que é uma condição *sine qua non* para a configuração de seu poder-fazer. Essas modalizações visam a iniciar a transformação dos estados dos sujeitos-imigrantes, transitando de um estado tenso-disfórico, em que os sujeitos estão disjuntos de seu objeto de valor – o estabelecer-se no país como um cidadão com direitos e deveres – para um estado relaxado-eufórico, cuja transição entre um estado e outro se inicia na modalização do ser. Para que o sujeito esteja plenamente capacitado a operar a performance que pode levá-lo à conjunção com seu objeto de valor, ele deve ser potencializado nas modalidades realizantes do fazer.

As maneiras ou modos pelos quais o sujeito imigrante irá dispor o seu fazer dependem das modalizações realizadas pelo centro de acolhida. Pressupõe-se, então, que o sujeito-imigrante, ao entrar em seu novo programa narrativo, já está em posse prévia de um sentimento de querer-fazer, tanto quanto de um dever-fazer, mas ainda está desprovido das modalidades do saber-fazer e, principalmente, do poder-fazer. Então, estando pressuposta

essa configuração modal do sujeito, o centro de acolhida operará sobre essas modalidades do imigrante.

No percurso narrativo que visa à autonomia dos sujeitos imigrantes temos, então, dois programas narrativos: o dos sujeitos emergentes por meio das modalidades virtualizantes (querer – dever) que colocam em perspectiva as possibilidades de aquisição de autonomia e os direcionam a elas. E o programa narrativo dos centros de acolhida como adjuvantes que operam as modalidades atualizantes (saber – poder) nos sujeitos imigrantes que, uma vez em posse dessas modalidades, podem atualizar sua competência para a performance.

Como já mencionado, o centro de acolhimento apresenta uma série de funções em relação ao imigrante. Todas elas têm por objetivo o auxílio ao imigrante, enquanto um sujeito semioticamente incompetente e da falta. Assim, há adjuvantes que auxiliam o sujeito imigrante a adquirir sua competência pragmática e existencial, no sentido de passar a saber-fazer (como no caso de aquisição de uma nova língua – o português –, algum tipo de qualificação para o trabalho), o saber-ser (apoio psicológico e jurídico), assim como o poder-ser (documentos) e um poder-fazer (autorização para o trabalho).

Um diferencial do centro em relação a outros abrigos é a oferta de serviços especializados para o imigrante. No local, será possível obter orientação jurídica, apoio psicológico, aulas de português e oficinas de qualificação profissional, bem como auxílio na emissão de documentos e na busca por trabalho (DEUSTCHE, 2014).

Até o final do mês o centro novo também terá outras funcionalidades. A Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania está finalizado a contratação de equipes que irão oferecer orientações jurídicas e psicológicas para os imigrantes no centro de referência que irá funcionar no mesmo prédio. No entanto, hoje o local já tem cerca de 20 funcionários do convênio que secretária municipal de Assistência e Desenvolvimento Social assinou com o Serviço Francisco de Solidariedade (Sefras). Alguns deles falam quatro: francês, inglês, espanhol e alemão (ITALIANI, 2014).

No programa narrativo de base do imigrante, o de estabelecer uma nova vida em um novo país, sua passagem pelo centro de acolhimento e referência pode ser entendido como um programa narrativo de uso, operado pelas estruturas que o centro oferece que permitem a esse sujeito adquirir as competências necessárias para que ele entre em conjunção com seu objeto de valor. Nesse sentido, os sujeitos-adjuvantes do centro de acolhimento doam competência aos sujeitos imigrantes, que o habilitam ao fazer por meio das modalidades de um saber e um poder, como já dito. Essa relação entre os actantes (adjuvantes do centro de acolhimento e sujeito-imigrante) é que faz com que o imigrante adquira competência para operar seu programa narrativo de base (trabalhar). Dessa maneira, o sujeito-imigrante tem a

possibilidade de entrar em conjunção com seu objeto de valor operando a performance de ter autonomia – social, política e cultural – na sociedade brasileira. Em outras palavras, o centro de acolhimento não é um fim em si mesmo na narrativa do imigrante, mas apenas um ponto de passagem para reorganizar e adquirir competência para o programa narrativo principal:

Não há um limite de tempo para a estadia no abrigo. Mas quem trabalha com imigrantes se apressa em dizer que eles buscam sair o mais rápido possível. “Muita gente acha que eles vão ficar para sempre no local. Isso é um absurdo. Ninguém vai para outro país para fazer a sua vida em um abrigo público”, critica Azano (DEUSTCHE, 2014).

Na perspectiva do poder público, um importante actante na narrativa da imigração, o centro de acolhimento é uma forma de se tentar minorar um problema que surge com o aparecimento da alteridade.

O problema de imigração ganhou destaque em São Paulo em abril deste ano, quando o governo do Acre começou a facilitar o embarque de haitianos para a capital paulista. A decisão provocou reação do governo estadual, que alegou não ter sido avisado da medida (RESK, 2014).

A imigração recente é representada, no recorte das notícias, como um problema gerado pela presença maciça de imigrantes na capital paulistana. Assim, as etapas para a criação do centro de acolhimento são dadas pelas notícias. Inicialmente, o excesso de imigrantes surpreende o poder público e os adjuvantes que trabalham no auxílio aos estrangeiros (como as organizações religiosas), na medida em que muitos chegam sem documentos, dinheiro ou onde morar. Surge, então, um problema para o poder público: um excesso de sujeitos desprovidos de competência (para o fazer e para o ser).

As reportagens também nos permitem pensar em como funcionam outros mecanismos do poder público para se diminuir o problema dos sujeitos imigrantes que podem usar os serviços dos centros de acolhimento:

Um dos abrigos, com 150 vagas, está funcionando em um imóvel na região do Pari. O local pertence à Congregação das Irmãs Scalabrinianas. O outro, com 60 vagas, foi montado em um imóvel da Pastoral da Criança, na Armênia, e é administrado pela Prefeitura. Os dois têm caráter emergencial e vão ajudar a “desafogar” o abrigo da Casa do Migrante, mantido pela Igreja Nossa Senhora da Paz, que tem 110 vagas (PALHARES, 2015).

No trecho acima, percebemos que ao menos um dos destinadores (a prefeitura de São Paulo) delega parte do fazer-acolher a outros sujeitos. Em outras palavras, a Prefeitura, enquanto um ator do discurso, não necessariamente sincretiza o destinador e sujeito do fazer para a construção e o funcionamento do centro de acolhimento. Dessa forma, a construção dos centros de acolhida passa também por uma relação contratual na qual são outros os sujeitos que realizaram o fazer benevolente do acolhimento.

No que concerne ao governo e à sua narrativa, temos que a reforma dos centros de acolhimento já existentes, a relação que desenvolveu com entidades beneficentes, e a criação de novos centros de acolhimento configuram-se como um fazer benevolente. No seu processo de desenvolver dispositivos de competencializar os sujeitos-imigrantes para o ser e o fazer necessários para que eles operem seu fazer de base do trabalho e possam alcançar seu objeto de valor de se inserir na sociedade brasileira com sucesso, o governo e seu adjuvante centro de acolhimento operam um fazer benevolente dentro da esfera social brasileira.

Veremos ainda neste trabalho, como esta ideia de um fazer benevolente se associa a um valor humanitário do poder público e como esse valor participa do jogo de representações políticas.

### **A dupla sanção sobre os centros de acolhimento**

Um outro aspecto presente em algumas reportagens se refere a uma avaliação a respeito dos centros de acolhimento e à ação do poder público ao criá-los. As notícias, por meio de uma sanção cognitiva, reforçam a ideia de que tais centros não são suficientes ainda para contemplar todas as demandas geradas pela presença dos novos imigrantes em território nacional.

A coordenadora de Política Externa da ONG Conectas, Camila Asano, alerta que o fluxo deve continuar intenso. Para ela, o número de vagas no novo centro é insuficiente para a demanda. “A prefeitura precisa já pensar em outros espaços”, diz (DEUTSCHE, 2014).

As notícias mostram, assim, um sujeito que realiza um fazer insuficiente para eliminar os problemas relacionados à imigração. Mesmo com uma proposta ‘humanitária’ do poder público, as reportagens apontam o limitado alcance para eliminar esse problema. Em certa medida, o governo, nesse momento como um sujeito do fazer, revela-se igualmente incompetente para realizar a construção ideal de seu objeto (isto é, que poderia acolher a todos os imigrantes necessitados) para solucionar o problema.



A outra sanção presente nas reportagens se refere aos próprios centros de acolhimento. Dessa forma, mais do que uma sanção aplicada ao sujeito, as reportagens mostram uma sanção cognitiva em relação ao objeto de valor construído pelo poder público, como podemos observar nos trechos abaixo:

Os diversos quartos, com beliches, são aconchegantes, com roupa de cama nova e móveis bem cuidados. Os banheiros coletivos são amplos e limpos. O centro também conta com espaços de convivência, como o refeitório, sala de televisão, além das salas de atendimento (DEUTSCHE, 2014).

Nesta segunda-feira, 1º, o Estado esteve no local. Apesar da reforma para liberar os outros 30 lugares, os imigrantes vivem com conforto, com alimentação e chuveiros. De acordo com o frei Bryan Filipe, imigrantes da mesma nacionalidade estão ficando em quartos separados. "É para facilitar a integração de quem está na casa e não criar grupo e panelas", explicou. Durante o dia os quartos ficam trancados. Os imigrantes não têm hora específica para voltar ao alojamento mas precisam informar que horas saem do trabalho (ITALIANI, 2014).

Nesse caso, a estrutura é avaliada como adequada para receber os imigrantes que necessitam de um abrigo apropriado, para não passar a noite na rua, além de outros elementos básicos para se ter um mínimo de conforto.

As sanções se aplicam, principalmente, ao conforto que pode ser proporcionado aos imigrantes nos centros de acolhimento. Dessa forma, se há uma sanção negativa ao poder público, pela sua incapacidade de criar um centro para que possa assistir todos os imigrantes necessitados, os discursos também promovem uma sanção positiva que envolve não apenas a dimensão cognitiva, mas igualmente a dimensão sensível relacionada à qualidade proporcionada pelos centros de acolhimento.

### **Os centros de acolhimento e seus usos políticos**

Além dos aspectos relacionados aos centros de acolhimento para imigrantes, as reportagens apontam também para o modo como cada ator do poder público pensa a imigração contemporânea no Brasil. Em outras palavras, há fragmentos que podem revelar o olhar que governantes possuem a respeito da presença dos imigrantes no país e, em especial, na cidade de São Paulo, além de indicar o uso político de tal criação. Desenvolveremos nossas considerações a partir da comparação de duas falas em reportagens distintas:

"Queremos a integração dos imigrantes, através de qualificação profissional, do apoio jurídico, do encaminhamento para postos de trabalho", afirmou o governador Geraldo Alckmin. Segundo a secretária Eloisa Arruda, hoje, cerca de 300 mil estrangeiros

vivem legalmente em São Paulo. "Mas se fala de quase um milhão de imigrantes não regulares no Estado", disse (RESK, 2014).

A oferta de serviços visa “promover o acesso a direitos, bem como a inclusão social, cultural e econômica dos imigrantes”, segundo o coordenador de Política para Migrantes da prefeitura, Paulo Illes (DEUTSCHE, 2014).

O primeiro aspecto que nos chama a atenção está nas diferenças entre ‘integração’ e ‘inclusão’, a partir de suas definições no Dicionário Eletrônico Houaiss (2009):

integração *Datação:* 1789

substantivo feminino

ato ou efeito de integrar(-se)

1 incorporação de um elemento num conjunto

2 Rubrica: análise matemática.

ato de calcular uma integral

3 Rubrica: análise matemática.

operação inversa da diferenciação, utilizada no cálculo integral

4 Rubrica: estatística.

medida do efeito sobre uma certa variável, determinada por duas ou mais variáveis não estatisticamente independentes

5 Rubrica: sociologia.

ação, processo ou resultado de assimilar completamente os indivíduos de origem estrangeira ao seio de uma comunidade ou nação (do ponto de vista jurídico, linguístico e cultural), formando um único corpo social

inclusão *Datação:* 1665

substantivo feminino

1 ato ou efeito de incluir(-se)

2 Rubrica: histologia.

técnica de microscopia que consiste no prévio envolvimento de um tecido ou órgão em parafina derretida, a qual, ao esfriar e solidificar-se, permite cortá-lo em finas lâminas

3 Rubrica: lógica.

relação entre duas classes tal que os elementos constitutivos de uma se encontram entre aqueles da outra

4 Rubrica: matemática.

propriedade que possui um conjunto de ter todos os seus elementos contidos num outro conjunto

5 Rubrica: mineralogia.

corpo sólido (cristalizado ou vítreo), líquido ou gasoso cuja natureza é diferente do conjunto no qual ele está inserido

Há uma diferença significativa entre os léxicos ‘integração’ e ‘inclusão’: enquanto o primeiro possui um sema de incorporação a um conjunto maior, o segundo aparece como uma relação de troca de elementos. Ocorre uma correlação isotópica entre os dois discursos e os dois centros inaugurados, pois o discurso do governador segue na isotopia da legalidade e do trabalho, funções de destaque no centro inaugurado pelo governo estadual. Já segundo

discurso, do coordenador para políticas de imigrantes da prefeitura, constrói uma outra perspectiva ao tocar na questão social, cultura e econômica do imigrante, não necessariamente como uma assimilação, mas como um facilitador aos direitos básicos a que todo cidadão, nascido ou não no Brasil, tem direito.

Dessa forma, a ideia de integração está mais próxima a uma assimilação do imigrante, sobretudo ao mundo do trabalho, sem se pensar em suas especificidades linguísticas, culturais, religiosas, sociais e históricas, enquanto a concepção de inclusão está mais ligada ao mundo dos direitos civis, que incorporam a questão do trabalho, mas engloba também os outros sentidos envolvidos na presença dos imigrantes, principalmente naqueles que mais necessitam de um apoio inicial para se estabelecer na cidade de São Paulo.

Nos dois discursos acima, vemos dois modos distintos do poder público se relacionar com a alteridade. Mais do que uma diferença absoluta, temos uma distinção de grau estabelecida pelos regimes de assimilação e de admissão, conforme proposto por Landowski:

Em vez de se acharem determinadas por antecipação, as relações intersubjetivas terão, a partir desse momento, de ser constantemente redefinidas na própria medida em que o estatuto dos sujeitos estará como perpetuamente em devir. É preciso lembrar que a segregação *tendia* à exclusão, mas não se resolvia nela; do mesmo modo, a admissão *tendia* à assimilação, ao mesmo tempo que resistia a ela. A presença ou a ausência desse tipo de tensões é que constitui o ponto de cisão decisivo. Por conseguinte, aqui, das duas uma: ou o grupo de referência se considera a si próprio como uma totalidade já constituída cujo único fim é perseverar tal qual no seu ser, e ele se esforçará, nesse caso, em neutralizar, por uma série de *transformações estacionárias*, as pressões externas ou mesmo internas, que poderiam ter por efeito alterar o que ele pensa ser por essência. Ou, ao contrário, o grupo admite que sua identidade só se constrói graças a uma série aberta de *transformações dinâmicas* que, mudando-o, tornam por si só possível o estabelecimento, sempre provisório, de uma relação justa com o Outro. Seja que ele tenha que reconhecer, presente no fundo de si mesmo, uma parcela da Alteridade, seja que ele descubra que, em parte, sua própria identidade lhe vem do Outro, o sujeito, em semelhante caso, nunca é ele mesmo, mas *torna-se* ele – desde que aceite mudar (LANDOWSKI, 1997, p. 27).

Dessa forma, dentre as duas perspectivas apresentadas, parece haver, de um lado, uma ideia de assimilação do imigrante por meio do trabalho, sem com isso levar em consideração as possíveis transformações que a presença desses estrangeiros possam provocar na formação da sociedade paulistana e brasileira; de outro, há um ponto de vista que vislumbra a integração do imigrante à sociedade, mas respeitando as especificidades dos sentidos trazidos por esses estrangeiros, sobretudo em sua dimensão cultural.

Para além dessas perspectivas, o poder público pode também fazer um uso político dos centros de acolhimento a partir da visibilidade que tal criação possibilita às respectivas

administrações públicas. Nesse caso, o centro de acolhimento não é apenas um programa narrativo de uso para os imigrantes, mas também um objeto de valor para o poder público em sua relação com a sociedade paulistana e brasileira. Como afirma Greimas, “O objeto visado não passa, então, de um pretexto, de um local de investimento de valores, um alhures que mediatiza a relação do sujeito consigo mesmo” (2014, p. 33).

A ideia do centro de acolhimento como um objeto de valor permite pensar no jogo de representações que os governos constroem para a sociedade brasileira. Por essa razão, o centro de acolhimento tem duas características fundamentais: de um lado, a constituição de um traço humanitário do poder público, por oferecer ao imigrante necessitado um abrigo minimamente decente para ele passar a noite e organizar assim sua vida nessa primeira etapa; por outro lado, o centro de acolhimento, como já visto, se forma como o espaço de um programa narrativo de uso no qual adjuvantes são mobilizados para auxiliar o sujeito imigrante.

É justamente por meio desse caráter ‘humanitário’ do poder público que se torna possível pensar no uso político de tal ação. Por meio da triangulação em torno da construção do centro de acolhimento, o poder público não apenas auxilia o imigrante, mas também quer ser visto como humanitário perante a sociedade paulistana e brasileira. Como propõe Landowski, podemos pensar, inicialmente, na relação entre objeto (centro de acolhimento) e o modelo<sup>4</sup> (o imigrante) como o ponto central das reportagens; em seguida, a relação entre testemunha (o leitor das notícias) e o modelo (imigrante), no qual pode haver a comoção pela situação precária despertada por este naquele; por fim, a relação da testemunha (leitor) com o objeto (centro de acolhimento), no qual se pode atribuir o caráter humanitário daquele que o construiu (o poder público) (LANDOWSKI, 2006, pp. 26-28).

Ocorre assim uma função política dos centros de acolhimento. E, em se tratando dos meios de comunicação tradicionais, isso pode ser reforçado pelo modo como os títulos sobre a inauguração dos centros para os imigrantes são construídos: temos o destaque da prefeitura, enquanto ator do poder público municipal, e a iconização do governador em outro título, no momento em que o centro do governo estadual foi criado: “Alckmin inaugura centro para acolher imigrantes em SP” (RESK, 2014); “Primeiro abrigo municipal para imigrantes tem 90 hóspedes” (ITALIANI, 2014).

---

<sup>4</sup> O autor depreendeu essa forma triangular a partir do exame de propagandas diversas. Por essa razão, mantivemos a terminologia utilizada por ele. A utilização em outro contexto discursivo, e seus equívocos, são de nossa responsabilidade.

Essa escolha não é desprovida de consequências. Ao nomear o governar em uma notícia e não fazer o mesmo em relação ao prefeito, a própria notícia joga com a questão política que os centros de acolhimento suscitam. Assim, dá-se o nome de um, mas não o do outro para se destacar qual deve ser considerado, pelo enunciatório-leitor, mais ‘humanitário’ em relação à situação de uma parcela dos imigrantes na cidade de São Paulo.

Assim, apesar do seu caráter mais pragmático e funcional em relação ao centro de acolhimento, o traço ‘humanitário’ fica mais associado à figura do governador de São Paulo do que do prefeito da capital paulistana em um mesmo veículo de comunicação impressa. Para além da própria questão que os centros de acolhimento envolvem, os meios de comunicação mais tradicionais revelam também, nos detalhes, algum tipo de posicionamento político que está parcialmente encoberto, mas ao mesmo tempo com um determinado direcionamento que dá mais visibilidade a uma determinada figura política do que a outra.

### **Conclusão**

Entendida como uma narrativa, os imigrantes encontram nos centros de acolhimento fundados pelo poder público um programa narrativo de uso no qual suas competências são reforçadas ou criadas, a depender de sua situação (financeira e/ou jurídica). No percurso narrativo dos imigrantes, sobretudo os mais necessitados, o centro de acolhimento tem um forte impacto em suas vidas no novo país de chegada, porque fornece a esses sujeitos ferramentas materiais e imateriais para competencializá-los para operar seu fazer de base – o trabalho. O trabalho ao ser executado se configura na afirmação de um querer, de um saber e de um poder-fazer do sujeito na sociedade.

Esse fazer é tratado pelo poder público figurado nas mídias analisadas com duas interpretações diferentes. No que concerne ao governo estadual, e seu representante o governador, temos figurado o trabalho como o objetivo final a ser conquistado pelo imigrante dentro da sociedade brasileira e o papel do centro de acolhimento é apresentado como um adjuvante no processo de levar o imigrante a entrar em conjunção com o trabalho, ignorando os aspectos sociais e culturais da inserção desse sujeito na sociedade brasileira. Por outro lado, a prefeitura de São Paulo, representada pelo prefeito e por seus secretários, se configura na integração do sujeito-imigrante no Brasil como uma performance a ser executada pelo adjuvante centro de acolhimento, mas como um trabalho contínuo e feito junto ao imigrante, buscando prover as ferramentas necessárias para fazer com que os imigrantes entrem em

conjunção com a sociedade, de maneira plena, nos aspectos sócio-culturais e sócio-econômicos.

As escolhas dos meios de comunicação em apresentar sutilmente essas diferenças ficam suspensas quando aplicam à sanção à ação do poder público: em ambos os casos, há uma crítica aos limites de atendimento de ambos os centros. Da mesma forma, as sanções positivas se aplicam igualmente às duas instâncias da administração pública e se referem às instalações dos centros de acolhimento e ao modo confortável no qual o imigrante pode se estabelecer provisoriamente.

Por fim, um aspecto a ser ressaltado, pelo seu caráter discreto, está ligado ao uso político dos centros de acolhimento, sobretudo quando o poder público, através dos meios de comunicação, mostram determinados valores (como o humanitário) para a sociedade paulistana e brasileira. Mais do que se tentar resolver em definitivo um problema relacionado à imigração, parece haver uma preocupação em responder a uma determinada demanda pontual gerada pelo grande número de imigrantes que chegaram ao país nos últimos anos. constituído nos centros de acolhimento, servem para tornar a ação do poder público mais da cidade.

Obviamente, essa crítica não invalida o que já foi feito pelo poder público em relação às imigrações atuais. Contudo, críticas como esta servem igualmente para se pensar em como políticas públicas, e suas publicizações midiáticas, podem envolver outras questões que vão além da resolução dos problemas de uma determinada comunidade. Entendemos que é dessa maneira que o trabalho de análise nas chamadas ciências humanas possibilita pensar em questões sociais contemporâneas e contribuir para que a imigração, em particular, não seja vista nem como um problema nem como uma solução para São Paulo e para o Brasil, mas sim como um processo contínuo de troca entre sujeitos que podem ganhar com as experiências e os sentidos advindos do outro, da alteridade sempre presente na definição da identidade.

### **Referências bibliográficas**

BILENKY, Thais. Ministério da Justiça suspende envio de haitianos do Acre a São Paulo. **Folha de S. Paulo**, 19 mai. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/05/1631231-ministerio-da-justica-suspende-envio-de-haitianos-do-acre-a-sao-paulo.shtml>>. Acesso em: 7 jul. 2015.

DEUTSCHE Welle. São Paulo inaugura primeiro centro de referência para imigrantes. **Deutsche Welle** (página em português), 12 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/s%C3%A3o-paulo-inaugura-primeiro-centro-de-referencia-para-imigrantes>>.

paulo-inaugura-primeiro-centro-de-refer%C3%A2ncia-para-imigrantes/a-18057546?maca=bra-uol-all-1387-xml-uol>. Acesso em: 7 jul. 2015.

DIÓGENES, Juliana; MONTEIRO, Tânia. Rede de ‘coiotes’ já faturou US\$ 60 mi com haitianos, diz relatório. **O Estado de S. Paulo**, 23 mai. 2015. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,rede-de-coiotes-ja-faturou-us-60-mi-com-haitianos-diz-relatorio,1692709>>. Acesso em: 7 jul. 2015.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido II**. Ensaios semióticos. São Paulo: Nankim/EDUSP, 2014.

HOUAISS, Antonio. VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**: com nova ortografia da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD-ROM.

ITALIANI, Rafael. Primeiro abrigo municipal para imigrantes tem 90 hóspedes. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01 set. 2014. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,primeiro-abrigo-municipal-para-imigrantes-tem-90-hospedes,1553140>>. Acesso em: 7 jul. 2015.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do Outro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

\_\_\_\_\_. O triângulo emocional do discurso publicitário. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, SP, 2006, n. 6, pp. 15-30, dez. 2006.

PALHARES, Isabela. Igreja monta dois novos abrigos paraimigrante, com 210 vagas. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 08 jul. 2015. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,igreja-monta-2-novos-abrigos-para-imigrantes--com-210-vagas,1721174>>. Acesso em: 7 jul. 2015.

RESK, Felipe. Alckmin inaugura centro para acolher imigrantes em SP. **O Estado de S. Paulo**, 15 dez. 2014. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,alckmin-inaugura-centro-para-acolher-imigrantes-em-sp,1607408>>. Acesso em: 7 jul. 2015.